

O assunto da hora

(Manoel Hygino dos Santos)

Não somos apóstolos do catastrofismo ou ave do mau agouro. Mas há que se temer as bruxas, mesmo que elas não existam. O Brasil entrou no último trimestre do ano a bordo a nau do entusiasmo, ao preço da esperança no pré-sal, na Copa do Mundo de 2014 e nos jogos Olímpicos em 2016. Tudo tão perto e tão distante. Depende da posição de quem analisa. Quando se lê apenas as opiniões de homens do Governo e de seus prepostos, supõe-se que estamos à maravilhas. Mas não é assim, sabemos. Não estamos sozinhos. Os que veem de outro ângulo, os do exterior, nem sempre se convencem desse otimismo exagerado. Depois do júbilo por alguns sucessos, deparamo-nos com o resultado do IDH - Índice de Desenvolvimento Humano, que compara a qualidade de vida da população em 82 países. O Brasil ficou em 75º lugar, em posição inferior ao Chile, Argentina, Uruguai e Venezuela, enquanto os Estados Unidos estão em 12ª posição. No final da fila: Serra Leoa, Afeganistão e Niger.

Não só: após três anos em expansão, a classe média parou de crescer. Pior: encolheu em 2008. Quem diz é Waldir Quadros, da Unicamp. A alta classe média, que percebe a partir de R\$ 3.177 (professores universitários, médicos, arquitetos, saiu de 5,7% para 5,1%. Os com renda entre R\$ 1.588 e R\$ 3.177, recuou de 9,6% para 9,2%. A baixa classe média, com salário R\$ 635 a R\$ 1.588, caiu de 30,6% para 29,8%. Exceção para a massa trabalhadora, que ganha até R\$ 635, que avançou de 3,3 para 3,5%. O economista observa: "O que temos no Brasil é o aquecimento do consumo de produtos de baixo valor".

A despeito do afã incentivador, a produção industrial caiu em 13 de 14 regiões pesquisadas pelo IBGE. As quedas mais elevadas foram em Minas, Pará, Espírito Santo, Santa Catarina e Goiás. No acumulado do ano, a produção industrial registrou queda em todas as regiões examinadas. A safra agrícola deste ano também está comprometida. Mas as manchetes dos jornais mudaram. E muito. Agora predomina a sucessão presidencial, e há razão. A eleição é em 2010 e se buscam apoios para a candidata oficial, enquanto os partidos de oposição, ou não, tentam equacionar seus problemas internos para não fazer feio. Missão difícilíssima, se se considerar que as verbas oficiais, sustentáculo das obras em andamento ou programadas, são inesgotáveis.

Nem se dá muita atenção aos empreendimentos empacados do PAC. Frequentemente, de longe, porque transformado em cidadão do mundo, o presidente acompanha e José Alencar faz o dever de casa. Outro dia, Villas-Boas Corrêa, com o brilho de sempre, com seu estilo e vocabulário à altura de todo leitor, comentava: "Na tradição festeira do Rio, a escolha para sede dos jogos Olímpicos de 2016, assinala um recorde comparável, por exemplo, com a recepção da Força Expedicionária Brasileira (FEB), quando retornou da Itália, depois da derrota do Eixo, com centenas de medalhas por atos de bravura".

Foi uma apoteose na Avenida Rio Branco, o povo saudando, espontaneamente, os conterrâneos que voltavam vivos dos campos de batalha. Eu me refiro àquele momento histórico, em meu recente "Getúlio: de São Borja a São Borja". Era o fim do pesadelo da dúvida de Vargas, que relutara a assumir posição em favor dos Aliados no grande conflito, já que alguns de seus generais eram pelo Eixo.

O entusiasmo carioca neste setembro/outubro pela Cidade Maravilhosa assumiu a liderança das preferências dos meios de comunicação. Problema de safra agrícola pouco importa, muito menos o desmazelo do Congresso com suas obrigações. Agora, é cuidar das Olimpíadas. Mas sabendo que a violência se mantém, e a pobreza no Rio de Janeiro cresceu 89,11% entre 1997 e 2008, enquanto a média nacional foi de 38%. Os dados são da Fundação Getúlio Vargas, e o coordenador do respectivo estudo, Marcelo Neri, anotou: "O Rio é hoje mais desigual do que o Brasil".